

MARINA SOUZA LOBO GUZZO

A BUSCA DE SENSações EM DIFERENTES MODALIDADES
ESPORTIVAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA -
2001

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA -

A BUSCA DE SENSações EM DIFERENTES MODALIDADES
ESPORTIVAS

Monografia apresentada por Marina
Souza Lobo Guzzo como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Treinamento Desportivo,
sob orientação do Prof. Dr. Pedro
José Winterstein.

CAMPINAS - 2001



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
P. 01

RESUMO
P. 02

APRESENTAÇÃO
UM POUCO DE HISTÓRIA
P. 03

I CAPÍTULO
A PSICOLOGIA DO ESPORTE
P. 12

II CAPÍTULO
ESPORTE E PERSONALIDADE
P. 16

III CAPÍTULO
ESPORTE E MOTIVAÇÃO
P. 18

IV CAPÍTULO
A BUSCA DE ENSAÇÕES
P. 22

V CAPÍTULO
O COMPORTAMENTO DE RISCO
P. 27

VI CAPÍTULO
A CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO PARA MEDIR A BUSCA DE SENSACIONES
P. 31

RESULTADOS E ANÁLISE
P. 36

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO
P. 41

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
P. 43

ANEXO
VERSÃO FINAL DO INSTRUMENTO UTILIZADO
P. 51

AGRADECIMENTOS

AOS QUE ME PROPORCIONARAM SENSações

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro José Winterstein, pela grande compreensão acerca do meu trabalho, das minhas idéias e da minha vida.

À Fapesp pelo respeito e credibilidade.

Aos meus pais por tornarem tudo possível.

Ao Mateus por me fazer sorrir.

A Camila e ao Tuco por estarem ali.

A Andréa, Maíra, Cau, Marília pelas infinitas horas de escuta.

Ao Rafael por me ensinar a arriscar.

Ao pessoal do Laboratório de Psicologia da FEF-UNICAMP por ler e discutir meu trabalho.

A equipe da Universidade Solidária da UNICAMP, de julho de 2001 (Pendências), por transformarem e revirarem todas as minhas idéias de grupo.

A cidade de Pendências por me acolher momentos antes de finalizar esse trabalho.

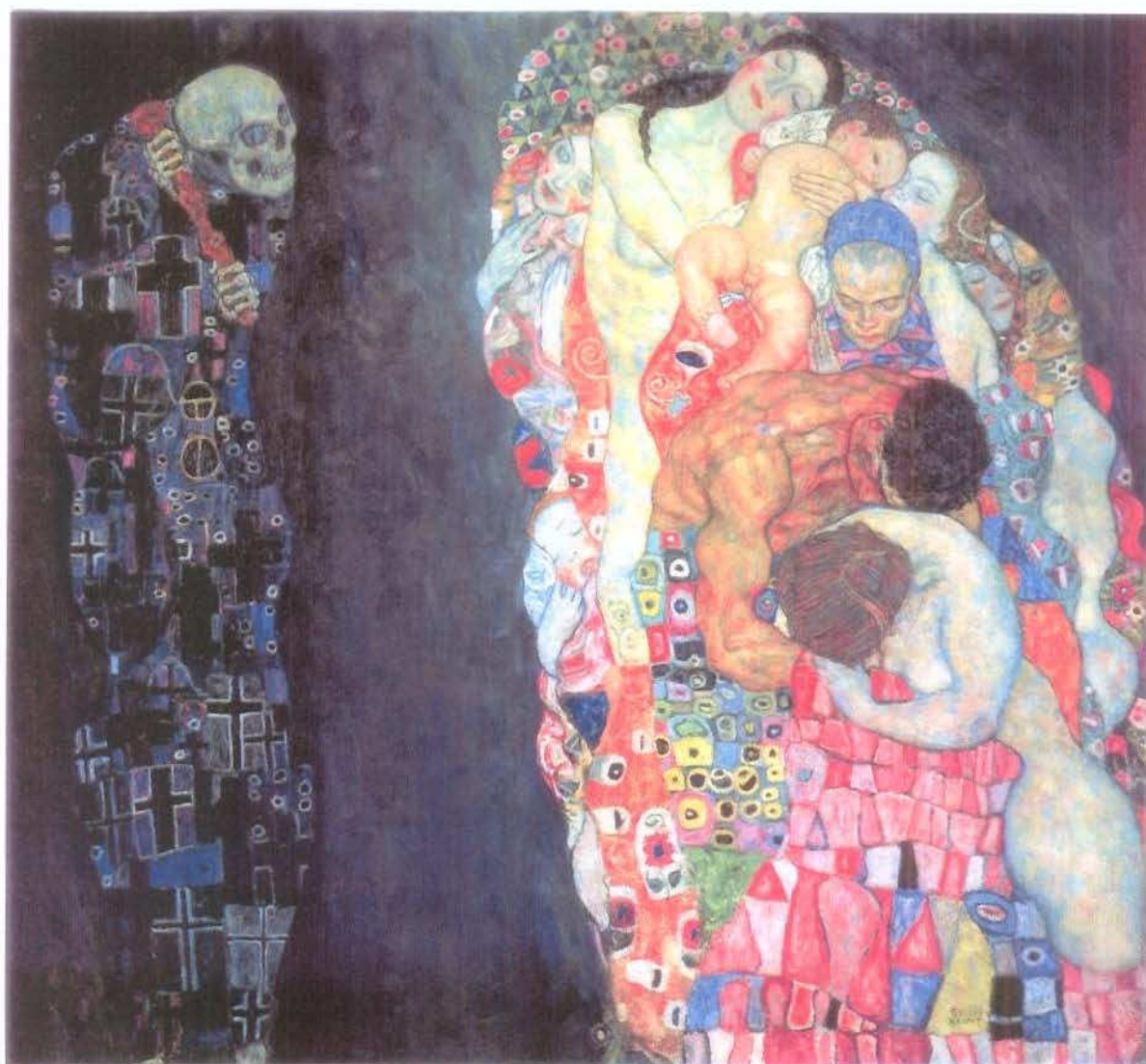
Ao Grupo Ginástico Unicamp (GGU) por fazer a ginástica voltar à minha vida.

Ao GEDAN (Grupo de Dança da UNICAMP) especificamente: Adilson, Gustavo, Éden, Débora, Ana Elvira, Fátima, Cau, Maíra, Luíza, Fernanda, Ílio, Lígia, Marquinhos e outros que por lá passaram... Pela convivência arriscada.

Aos atletas que participaram deste trabalho e todos os outros que ainda poderão se beneficiar com ele.

RESUMO

Este trabalho propôs estabelecer uma relação entre personalidade e a escolha da modalidade esportiva praticada, levando em consideração um aspecto da personalidade: medido pela busca de sensações. Para isso, foi utilizada a escala Sensation Seeking Scale-SSS (Zuckerman, 1994), forma V, que foi aplicada em diferentes atletas praticantes de modalidades esportivas consideradas de risco e não de risco (por exemplo: pára-quedismo e natação respectivamente). Os resultados foram analisados através de uma comparação das médias de respostas dos atletas no instrumento (teste-T), dentro dos dois grupos de modalidades (risco e não risco).



Fonte: Gustav Klimt
"Morte e vida"
Óleo sobre tela, 1908.

APRESENTAÇÃO

UM POUCO DE HISTÓRIA

“Essa região desconhecida cujas fronteiras nenhum viajante volta a atravessar, temor que embaraça a vontade e nos obriga a suportar os males que conhecemos, em vez de correr para outros de que não sabemos nada.” (Hamlet- Shakespeare)

Começo a apresentação deste trabalho pela história que o precede. Para chegar na Busca de Sensações, percorri um caminho. Um caminho curto, porém muito intenso...Cheio de sensações. Ao ingressar nas duas faculdades de Psicologia e Educação Física comecei a tentar encontrar a interface entre as duas áreas. Percebi rapidamente que essas duas ciências eram complementares e estudavam a mesma coisa: o homem, de corpo e de alma. Foi difícil, porém, achar o caminho para explicitar essa relação. Comecei com a motivação, que foi apresentada pelo Prof. Pedro José Winterstein, mas que se unia a uma questão que sempre me impulsionava: “por que algumas pessoas praticam esporte e outras não?”. Na primeira Iniciação Científica estudei a Motivação no Esporte a partir da teoria de Joan Duda sobre a orientação para a Tarefa e para o Ego e a validação de um instrumento psicológico para medir este constructo. Mais tarde estudei a aplicação deste instrumento ligado à atribuição das causas do sucesso no esporte. Mas ainda a questão permanecia, aquela mesma questão, aquela do começo. Mas junto a ela apareceram outras dúvidas, a partir de coisas que eu vivia e via aqui na faculdade de Educação Física na UNICAMP. Veio então o projeto de entender o risco no esporte através da busca de sensações, que é um constructo, ou um traço da personalidade.

Personalidade é um tema intrigante da psicologia. É usado amplamente no senso comum de forma incorreta. Por exemplo: “Fulano tem uma personalidade forte”, ou “Aquele atleta não tem personalidade”. Todo ser humano tem uma personalidade. Na Psicologia contemporânea, a personalidade é definida como aqueles padrões, relativamente duradouros de agir, pensar sentir e perceber das pessoas. Isto inclui: pensamentos, motivos, emoções, interesses, capacidades, e fenômenos semelhantes. A busca de sensações é um traço da personalidade. Voltemos ainda para a história deste trabalho. Antes de entrar na personalidade e mais especificamente na busca de sensações quero ressaltar importâncias de como a Psicologia e a Educação Física estão unidas para mim e para alguns teóricos e continuar com o tema deste trabalho que está dentro da psicologia do esporte.

As Ciências do Esporte vivem hoje um estágio definido por Bracht (1995) de “pluri-disciplinar”, pois as diversas sub-áreas que estudam o fenômeno esportivo como a filosofia, a sociologia a antropologia, psicologia, medicina, etc, convivem enquanto soma e não em relação. Isso mostra uma certa tendência e até uma necessidade à interdisciplinaridade. Acredito, porém, que esta interdisciplinaridade ainda está engatinhando na Educação Física. A intersecção com a Psicologia, que parece tão óbvia, é um exemplo disso. Muitas pessoas estranham o fato de eu cursar essas duas faculdades e acreditam até que elas “não tem nada a ver”. Essas pessoas estão enganadas.

Para Salvador (1995), a psicologia do esporte pode principalmente, buscar contribuir para o desenvolvimento pessoal dos indivíduos que se exercitam e o aperfeiçoamento da performance de atletas competitivos. No entanto, afirma o autor serem necessários estudos, para um aprimoramento de técnicas psicológicas específicas exigidas pelo contexto esportivo. A psicologia aliada à Educação Física deve estudar as representações que o corpo tem para a vida e os relacionamentos das pessoas. Representações estas que são exercidas por atletas, ginastas, acrobatas, assim como a representação de ir a

uma academia pratica exercícios físicos, seja pela estética ou pela saúde física.

A psicologia entra nas ciências do esporte para ajudar a compreender estes vários fenômenos. Este trabalho preocupa-se com os do esporte de risco, ou os esportes radicais. Hoje, cada vez mais pessoas aventuram-se montanha acima ou montanha a baixo, arriscando sua saúde física e muitas vezes mental e praticando atividades que são causadoras de um grande número de acidentes e até mesmo mortes. Por que esse número de praticantes cresce a cada dia?

Esta dúvida nos remete de volta à personalidade. O estudo da personalidade dentro da Psicologia do esporte é de grande importância para ajudar técnicos, treinadores, educadores a trabalharem mais efetivamente, com seus atletas (alunos), e conhecer qual é seu padrão motivacional, de ação e de comportamento, aumentando e otimizando seu desempenho, ou para tentar compreender certos tipos de comportamentos e atitudes apresentadas por eles durante a prática esportiva. Psicólogos estudam a personalidade no esporte a partir de diferentes abordagens teóricas, são elas: a abordagem psicodinâmica, a de traços, a situacional e a interacionista. Este estudo fundamenta-se na abordagem interacionista, em que a personalidade é determinada por uma interação entre traços individuais e situações específicas do contexto social, resultando em um curso de desenvolvimento individual. A maioria dos psicólogos do esporte, atualmente, trabalha com essa abordagem para o estudo do comportamento. As variáveis do estudo entre personalidade e esporte, devem ser bem definidas, principalmente quanto à população estudada e à modalidade esportiva praticada, dentre elas estão: o nível de prática e envolvimento no esporte, modalidade (individual ou coletiva), função dentro do seu esporte (levantador, atacante, etc.) e diferenças entre sexos. As diferenças individuais existem entre esportistas e não esportistas, assim como entre diferentes níveis do mesmo esporte. Por causa disso, deve-se atentar para a seleção dos esportes para estudo, assim como para a definição do traço

da personalidade a ser estudado, os estados individuais, atributos, mudanças e constância do comportamento estudado. Atentar para o estudo da personalidade no esporte é entender que não somente ela é responsável por uma escolha de modalidade nem por um determinado comportamento desportivo. Existem outras inúmeras variáveis que podem influenciar atletas em suas escolhas e práticas.

A motivação é uma delas. A motivação tem um papel fundamental na vida do homem: ela é a direção e a intensidade do esforço do indivíduo (Sage, 1977). A direção do esforço se refere a como o indivíduo reage de acordo com uma determinada situação. Ele se afasta ou se aproxima?

A intensidade do esforço está relacionada com a quantidade de esforço que o indivíduo coloca em determinada situação. A direção e a intensidade do esforço acontecem juntas e são refletidas no surgimento de uma ação ou de uma não-ação a determinada situação.

Dentro da Psicologia do esporte, a motivação é estudada a partir do motivo de realização, pois se acredita que ele é o mais influente para as situações que envolvem o contexto esportivo, de desenvolvimento do atleta e de resultados de performance.

O motivo de realização foi definido por Murray (1938), e refere-se ao esforço do indivíduo de concluir uma tarefa, atingir excelência, superar obstáculos, atuar de maneira melhor que os outros e orgulhar-se de seus talentos.

A teoria motivacional do estabelecimento de metas originou-se no início da década de oitenta, com o trabalho pioneiro de Carol Dweck e John Nicholls. Nessa abordagem a meta estabelecida é definida como o propósito, ou o foco cognitivo do engajamento na tarefa e a diferente meta estabelecida é colocada como uma moldura para o indivíduo interpretar e experienciar suas realizações.

Essas metas são definidas como meta de performance e meta de aprendizagem ou orientação para o ego e orientação para a tarefa, dependendo da abordagem teórica.

Essas duas metas estão relacionadas com a maneira que as pessoas julgam seu nível de competência. Quando os indivíduos são orientados pela tarefa as percepções da capacidade e o tipo de evento que ocasionam sentimentos de êxito, são de referência própria. Existe uma melhora da habilidade, do domínio da tarefa, muito trabalho e um compromisso com a própria atividade. A percepção que o indivíduo possui da própria capacidade é bastante adequada à realidade.

Já indivíduos orientados para o ego, quando questionados por seu nível de competência, apresentam um baixo padrão comportamental orientado para a realização, e a percepção da capacidade é frágil. Geralmente indivíduos envolvidos pelo ego reduzem seus esforços, param de tentar e alegam falta de interesse quando comparados com indivíduos orientados para a tarefa.

Relaciona-se com a motivação o grau adequado de percepção da própria competência. Muitas vezes definida como percepção da habilidade, auto-eficácia ou confiança por vários teóricos, o construto da percepção da competência tem um papel fundamental para o estudo da motivação. A percepção da competência também é de extrema importância para a escolha da modalidade esportiva, pois é através dela, junto com a autoconfiança e a auto-eficácia que se percebe a possibilidade de realizar ou não uma tarefa. No caso de modalidades de risco ela é fundamental, pois uma escolha ou uma percepção errada a respeito de uma situação do momento da realização da tarefa pode ser fatal.

É ideal que o atleta saiba dos seus limites e de suas potencialidades para entrar, por exemplo, numa onda, ou para subir num pico durante uma expedição. Nessa hora a competência deve ser total e ele não pode falhar, pois pode morrer. Outro exemplo seria de um atleta que está participando uma

expedição em uma montanha, e ao chegar num ponto crítico da trilha, precisa ter precisão de sua capacidade para atravessá-la naquele momento ou não.

A presença da busca de sensações na personalidade de um indivíduo pode influenciar nessa percepção da competência. A busca de sensações, segundo Zuckerman (1994) é um traço definido como a busca de variedade, novidade, complexidade e intensa sensação e experiência e a disposição de assumir riscos físicos, sociais, legais ou financeiros. O indivíduo que busca sensações aceita ou subestima o risco como o preço que tem de pagar pela sensação ou experiência propriamente dita. Isso pode gerar uma dificuldade de relacionamento entre pessoas que possuem este tipo de personalidade, pois parentes ou até terapeutas têm dificuldade de aceitar o risco que o outro está correndo.

A presença deste traço em maior ou menor grau pode influenciar na escolha vocacional ou a preferência por determinados trabalhos, a satisfação no trabalho, relações interpessoais, hábitos alimentares e preferências por determinados tipos de comidas, preferências na mídia e nas artes, humor, fantasias, criatividade e atitudes sociais.

A busca de sensações é vista como uma necessidade primária do indivíduo e estaria relacionada à manutenção de um nível ótimo de estimulação (NOE). Diferentes fatores podem contribuir ou não para um nível ótimo de estimulação, como: níveis recentes de estimulação (o quanto o indivíduo está sendo estimulado naquele período, um exemplo: o pára-quedista que salta todo dia tem uma estimulação diferenciada do que salta uma vez por semana), exigência das tarefas em que o indivíduo está envolvido (por exemplo, os tipos de salto de um pára-quedista) e rotina diária. Alguns desses fatores estão relacionados a questões sociais ou culturais (como idade), outros fatores expressam a constituição biológica ou genética do ser humano (sistema nervoso central, fatores constitucionais).

O risco torna-se necessário em muitas situações onde se experimenta

determinada ação ou sensação. O risco também está ligado à situação de limite humano, ou da superação desse limite. É através do risco que se pode entrar em contato com o “Maravilhoso”, como contra-ponto ao tédio, contra a banalidade da vida cotidiana.

Dentro da busca de sensações, o indivíduo se dispõe a correr riscos, mas este não é em si o seu objetivo, ou seja, ele quer a sensação que aquela atividade vai proporcioná-lo, por isso o risco não é essencial para a motivação de um determinado comportamento. Correr riscos pode ser definido por Zuckerman (1994) como a probabilidade avaliada de um efeito ou consequência negativa do comportamento. Riscos podem ser físicos, legais, financeiros ou sociais. O risco que se corre ao engajar-se em atividades como os esporte radicais vale a pena pela sensação de prazer que as mesmas trazem.

O comportamento de riscos geralmente está associado à motivação e a emoção do indivíduo no instante da decisão e está seguido de uma alta carga de ansiedade. O termo ansiedade é, porém, descrito pelos indivíduos que buscam sensações com palavras como: assustador, chateado e preocupado.

Diferentes situações podem ser consideradas risco e o risco é amplo e freqüente na vida do ser humano. Esse trabalho se baseia nas definições de Zuckerman e baseou-se na literatura estudada para definir as modalidades do estudo consideradas de risco por apresentarem uma alta relação com acidentes fatais. Foram escolhidas então três modalidades de risco: pára-quedaismo, surfe e montanhismo. E três modalidades consideradas não de risco: natação, ginástica e corrida. Cada sujeito respondeu a escala de Zuckerman de Busca de Sensações. Esta escala consiste em 40 itens e cada item possui duas afirmações sobre diferentes temas como: filmes, festas, drogas, esporte, arte e outros comportamentos. O indivíduo é aconselhado a escolher uma das duas alternativas. Para cada alternativa correspondente ao traço busca de sensações o indivíduo marca um ponto na escala. No total ele pode marcar 40 pontos. 60 sujeitos responderam a escala e antes dela eles responderam a pergunta:

“Você acha que está correndo riscos ao praticar essa modalidade esportiva?” a questão era aberta.

As escalas foram pontuadas e a média de respostas de cada grupo de modalidades e dos grupos de risco e não risco foram comparadas. A seguir foi feita uma análise qualitativa das respostas abertas dos sujeitos sobre o risco em suas modalidades.

Os resultados foram inesperados (talvez), primeiro porque a média de respostas na escala de busca de sensações de Zuckerman foi muito parecida entre os dois grupos de modalidade de risco e não. E depois porque as respostas dos atletas sobre o risco de sua modalidade contrariavam a definição se aquela modalidade era de risco ou não mostrando intensamente que o risco é muito subjetivo para o atleta. Os pára-quedistas responderam que não corriam riscos ao praticar esta modalidade enquanto corredores todos achavam que corriam riscos. O risco para eles era de lesões...

Como considerar então o comportamento de risco nos esportes se o risco para os que o praticam não é enxergado como risco?

O risco é para os praticantes de modalidades como as estudadas aqui, uma forma de “libertação”, contendo uma forte simbologia, assim como uma possibilidade de quebra da rotina ou do tédio da vida cotidiano, possibilitando um maior envolvimento e contato com a natureza. Geralmente são práticas que necessitam um conhecimento do clima, do vento, do mar. Isso é muito interessante para o desenvolvimento de uma consciência e da segurança que é necessária ser confirmada antes de cada salto, onda ou caminhada.

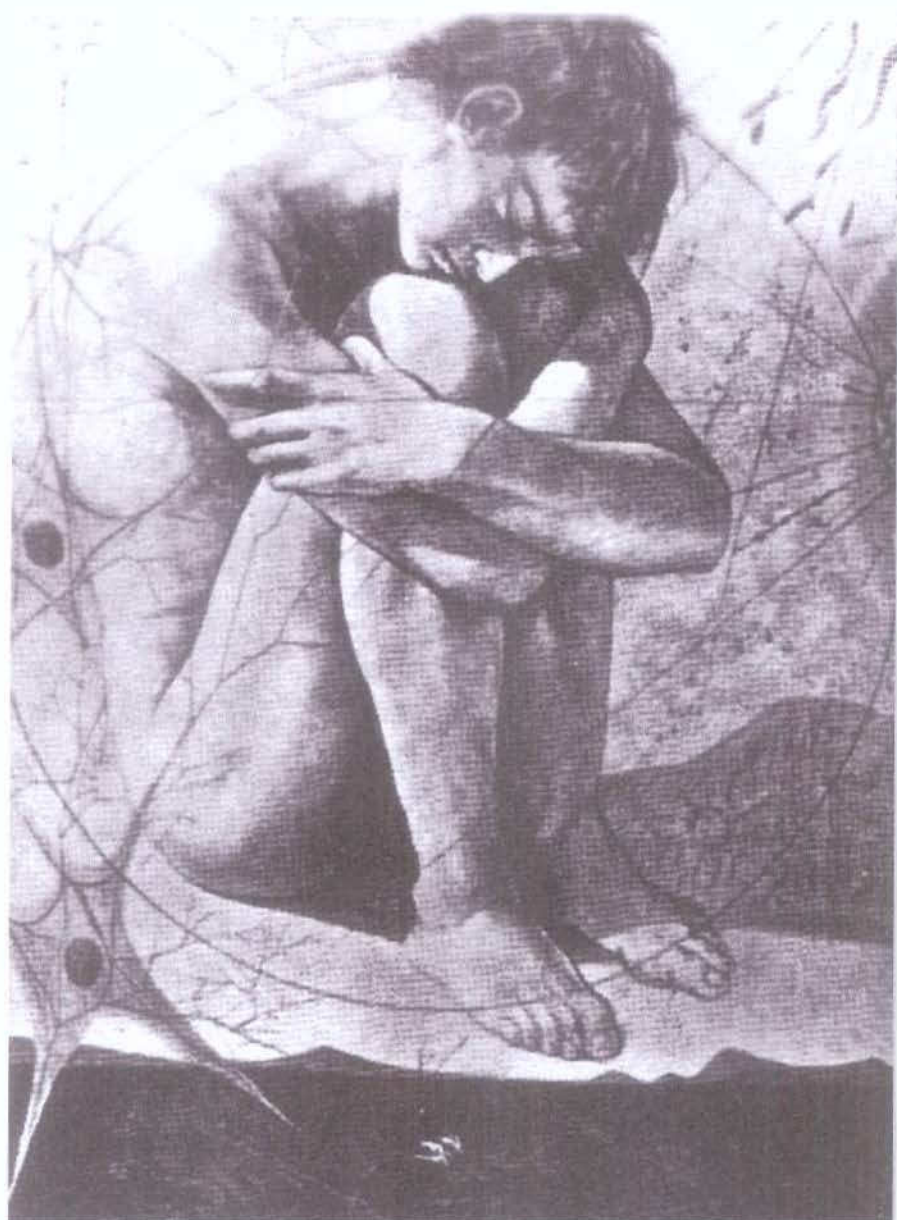
Já os corredores, por exemplo, possuem grande risco de machucar-se correndo em qualquer lugar, pois dependem de articulações sensíveis como joelhos e ao machucar-se um corredor não pode mais praticar sua modalidade. O grau de envolvimento do atleta com sua prática e em cada modalidade varia. Parece que os atletas da modalidade de risco são mais “desencanados” e praticam o esporte por prazer e não por competição ou resultados de

performance. Aí entra uma questão interessante que foi revelada pelos resultados o uso de drogas. Participantes do grupo de modalidade de risco usam ou já usaram maconha e outras drogas alucinógenas num número bastante alto. Bem maior dos praticantes de modalidades de não risco. Isso está relacionado também ao tipo da prática, pode influenciar a percepção do risco, ou a dilatação do mesmo, que influi na maior liberação e curtição da adrenalina presente.

O risco, ou o comportamento de risco é bastante estudado pela psicologia, mas ainda tem de ser aplicado no esporte. A prática do esporte de risco é influenciada pela mídia, além de ser socialmente reverenciada. A “moda” surfe, por exemplo incentiva pessoas a praticarem a modalidade por ser considerada interessante socialmente. Esta visibilidade que o esporte de risco dá está relacionada à história da humanidade que sempre prestigiou aqueles que vencem ou desafiam a morte. O mito do herói tem uma relação grande com a prática de modalidades de risco ou mesmo de não risco, pois os atletas vencendo seus próprios limites ou quebrando um Record também podem ser muito vitoriosos e reconhecidos.

É necessário um aprofundamento e uma continuidade neste estudo, pois aborda uma pequena parte deste universo que são as práticas esportivas de risco, ou a busca de sensações.

Esse foi só um começo, e deixa com certeza muitas lacunas. Mas as lacunas são talvez, uma importante estimulação para a continuidade da busca pelo conhecimento. Se já soubéssemos de tudo, qual seria a graça da pesquisa e da ciência?



Fonte: C. Gustav Jung
"O homem e seus símbolos"
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

I CAPÍTULO

A PSICOLOGIA DO ESPORTE

As Ciências do Esporte vivem hoje um estágio definido por Bracht (1995) de “pluri-disciplinar”, pois as diversas sub-áreas que estudam o fenômeno esportivo como a filosofia, a sociologia a antropologia, psicologia, medicina, etc, convivem enquanto soma e não em relação. Isso mostra uma certa tendência e até uma necessidade à interdisciplinaridade.

Samulsky (1992), afirma que a psicologia do esporte aparece já no final do século XIX, com questões psicofisiológicas do esporte em estudos e pesquisas. Foi, porém, na década de 20 que Schulte (apud Machado, 1997), publica “Corpo e alma no desporto: uma introdução à psicologia do treinamento”.

Para Salvador (1995), a psicologia do esporte pode principalmente, buscar contribuir para o desenvolvimento pessoal dos indivíduos que se exercitam e o aperfeiçoamento da performance de atletas competitivos. No entanto, afirma o autor serem necessários estudos, para um aprimoramento de técnicas psicológicas específicas exigidas pelo contexto esportivo.

No Brasil, a Psicologia do Esporte surgiu mais tarde, em 1954, com um trabalho realizado pela Federação Paulista de Futebol. Depois disso, o psicólogo João Carvalhaes começou o acompanhamento psicológico dos jogadores do São Paulo Futebol Clube (Silva, 1984 apud Epiphanyo, 1999).

Segundo Rubio (1999), temas como motivação, personalidade, agressão, liderança dinâmica de grupo, bem-estar psicológico, pensamentos e

sentimentos de atletas e vários outros aspectos do âmbito esportivo, têm exigido atenção dos profissionais da área, uma vez que o nível técnico de atletas e equipes de alto rendimento está cada vez mais equilibrado. A diferenciação das equipes acontece agora pela preparação emocional.

A Psicologia do Esporte está hoje bastante preocupada em entender diferenças individuais, que levam esportistas ao sucesso. Gestos de atletas de elite geram a especulação do que os diferencia das outras pessoas. Assim como a escolha da modalidade esportiva mais adequada não somente para a melhor performance do indivíduo, mas para um desenvolvimento saudável através do esporte.

O esporte pode ajudar na manutenção não só da saúde física, mas também da saúde mental das pessoas que o praticam. Pesquisas comprovam que a atividade física promove o bem estar, particularmente reduzindo a ansiedade e tensão e melhorando o vigor (Landers, 1994).

A melhora no bem-estar psicológico, trazida pela prática do esporte, é, na verdade, uma interação entre mecanismos fisiológicos e psicológicos do organismo. As mudanças fisiológicas que ocorrem com a prática do esporte são: uma melhora da circulação cerebral, mudanças de neurotransmissores (e.g., endorfina, serotonina), aumento da captação máxima de oxigênio e transporta-se mais oxigênio para o cérebro, reduz tensões musculares, e mudanças nas estruturas cerebrais. A mudança psicológica que também colaboram para esse bem estar são, entre outras: uma distração das situações rotineiras, um sentimento de melhora no controle pessoal, um sentimento de competência e eficácia, interações sociais positivas, melhora do autoconceito e auto-estima (Weinberg & Gould, 1999).

Um estudo realizado com indivíduos de meia-idade trouxe dados sobre mudanças que ocorrem na personalidade de indivíduos que praticam esporte (Ismail & Young, apud Weinberg & Gould, 1999). Durante a participação no programa os sujeitos apresentaram uma melhora física significativa e relataram

mudanças psicológicas, como um maior sentimento de autoconfiança, sentimento de controle, melhora da imaginação e um maior senso de auto-suficiência. Outros estudos partiram deste, relacionando esporte e exercícios com vários fatores da personalidade. McDonald e Hodgdon (1991) concluíram que sujeitos os quais participaram de treinamentos aeróbios melhoraram seus escores em auto-suficiência e inteligência, e diminuíram escores em insegurança. Para Iannos e Tiggemann (1997), exercícios físicos estão associados ao estabelecimento de controle pessoal, redução da ansiedade e da depressão. Porém o excesso da prática de exercícios físicos de alto nível e os efeitos das situações de competições sobre a personalidade ainda não foram bastante estudados. (Lerner e Locke, 1996).

Muitos técnicos acreditam que os melhores atletas possuem certos traços físicos e habilidades percepto-motoras que os permitem alcançar um nível superior de performance. Para predizer essa superioridade de um atleta, testes nessa área, enfatizam os atributos individuais (e.g. coordenação mão-olho, velocidade de movimentação, etc.) e pessoas que marcam mais ponto nesse tipo de teste, ou que apresentam essas características de habilidade tendem a ser classificadas como um atleta potencial, e geralmente o são (McDavid, apud Wrisberg, 1993).

Além de um sistema neuromuscular bastante eficiente, há também uma enorme contribuição do conhecimento funcional desses indivíduos, que desenvolveram estratégias mentais e processamento de informações mais veloz durante os anos de prática esportiva (Wrisberg, 1993).

A prática e o treino são, portanto, maneiras bastante reconhecidas para atingir um bom nível de performance no esporte.

A prática, porém, exige do atleta a motivação, além de muitos outros fatores, como condições físicas e psicológicas, condições de tempo e espaço e condição financeira.

Exige também que a modalidade que ele esteja praticando seja sempre interessante e seja promotora de uma saúde mental para o indivíduo, ou seja, ele tem de se sentir bem ao praticá-la, mesmo que ela represente riscos para este indivíduo. Ela deve ser, portanto, adequada para seu tipo de personalidade.



Foto Publicitária, Gustavo Kuerten em Roland Garros, 2000.

II CAPÍTULO

ESPORTE E PERSONALIDADE

A personalidade representa um objeto de estudo, importante para intervenção psicológica junto ao esporte. Por esta razão, cada vez mais profissionais tanto da educação física como da psicologia, têm desenvolvido estudos procurando relacionar dimensões da personalidade e modalidades esportivas (Riello, 1999; Buriti, 1997; Machado, 1997).

O estudo da personalidade pode ajudar técnicos, treinadores, educadores a trabalharem mais efetivamente, com seus atletas (alunos), e conhecer qual é seu padrão motivacional, de ação e de comportamento, aumentando e otimizando seu desempenho (Weinberg e Gould, 1999).

Segundo Fisher (1984) mais de 1000 estudos sobre esporte e personalidade foram publicados entre os anos 60 e 70. Estes estudos visavam "delinear" as características psicológicas de esportistas de elite. A maior dificuldade, porém em interpretar os dados destes trabalhos foi a diferenciação dos traços estudados e das abordagens teóricas utilizadas para fundamentá-los.

Psicólogos estudam a personalidade no esporte a partir de diferentes abordagens teóricas, são elas: a abordagem psicodinâmica, a de traços, a situacional e a interacionista (Allen, 1997; Wiggins, 1988). Este projeto fundamenta-se na abordagem interacionista, em que a personalidade é determinada por uma interação entre traços individuais e situações específicas do contexto social, resultando em um curso de desenvolvimento individual. A maioria dos psicólogos do esporte, atualmente, trabalha com essa abordagem para o estudo do comportamento (Weinberg e Gould, 1999).

As variáveis do estudo entre personalidade e esporte, devem ser bem definidas, principalmente quanto à população estudada e à modalidade esportiva praticada, dentre elas estão: o nível de prática e envolvimento no esporte, modalidade (individual ou coletiva), função dentro do seu esporte (levantador, atacante, etc.) e diferenças entre sexos. O instrumento desenvolvido por Eysenck e Eysenck (1964) para estudar a personalidade é um dos mais utilizados para o contexto esportivo. Eysenck desenvolveu o EPQ (Eysenck Personality Questionnaire) em que três fatores foram considerados para a avaliação da personalidade: Neuroticismo (N), extroversão/introversão (E) e psicotismo (P).

Eysenck, Nias e Cox (1982) concluíram que aqueles que praticam esporte tendem a ser mais extrovertidos que pessoas que não praticam esportes. Psicotismo (P) está associado com a participação esportiva mediada pela agressividade e alta competitividade deste tipo de personalidade. Neuroticismo (N) não teve uma relação significativa com esportes.

Apenas alguns traços de personalidade podem ser diferenciados entre atletas e não atletas. Assim, essas características, podem ser mais bem discriminadas, quando consideradas em grupos extremos de práticas desportivas (Weinberg & Gould, 1999).

As diferenças individuais existem entre esportistas e não esportistas, assim como entre diferentes níveis do mesmo esporte. Por causa disso, deve-se atentar para a seleção dos esportes para estudo, assim como para a definição do traço da personalidade a ser estudado, os estados individuais, atributos, mudanças e constância do comportamento estudado (Auweele, Cuyper, Mele & Rzewnick, 1993).

As variáveis do estudo entre personalidade e esporte, devem ser bem definidas, principalmente quanto à população estudada e à modalidade esportiva praticada, dentre elas estão: o nível de prática e envolvimento no esporte, modalidade (individual ou coletiva), função dentro do seu esporte (levantador, atacante, etc.) e diferenças entre sexos. O instrumento desenvolvido por Eysenck e Eysenck (1964) para estudar a personalidade é um dos mais utilizados para o contexto esportivo. Eysenck desenvolveu o EPQ (Eysenck Personality Questionnaire) em que três fatores foram considerados para a avaliação da personalidade: Neuroticismo (N), extroversão/introversão (E) e psicotismo (P).

Eysenck, Nias e Cox (1982) concluíram que aqueles que praticam esporte tendem a ser mais extrovertidos que pessoas que não praticam esportes. Psicotismo (P) está associado com a participação esportiva mediada pela agressividade e alta competitividade deste tipo de personalidade. Neuroticismo (N) não teve uma relação significativa com esportes.

Apenas alguns traços de personalidade podem ser diferenciados entre atletas e não atletas. Assim, essas características, podem ser mais bem discriminadas, quando consideradas em grupos extremos de práticas desportivas (Weinberg & Gould, 1999).

As diferenças individuais existem entre esportistas e não esportistas, assim como entre diferentes níveis do mesmo esporte. Por causa disso, deve-se atentar para a seleção dos esportes para estudo, assim como para a definição do traço da personalidade a ser estudado, os estados individuais, atributos, mudanças e constância do comportamento estudado (Auweele, Cuyper, Mele & Rzewnick, 1993).



Fonte: Wienber & Gould (1999)
Foundations of Sport Psychology
Human Kinetics: Illinois.

III CAPÍTULO

ESPORTE E MOTIVAÇÃO

A motivação tem um papel fundamental na vida do homem: ela é a direção e a intensidade do esforço do indivíduo (Sage, 1977). A direção do esforço se refere a como o indivíduo reage de acordo com uma determinada situação. Ele se afasta ou se aproxima? A intensidade do esforço está relacionada com a quantidade de esforço que o indivíduo coloca em determinada situação. A direção e a intensidade do esforço acontecem juntas e são refletidas no surgimento de uma ação ou de uma não-ação a determinada situação (Weinberg e Gould, 1999).

Outras definições são usadas diariamente para a motivação. Mesmo dentro da teoria psicológica ela pode e é definida sob diferentes aspectos dependendo do autor e da abordagem teórica. Muitas vezes a motivação é colocada como uma característica interna da personalidade (e.g. “ele é altamente motivado”), outros momentos, motivação significa uma influência externa (e.g. “isso não motiva”) e também como uma consequência ou uma explicação para um comportamento (e.g. “eu estava motivado, por isso consegui”).

Segundo Weinberg e Gould (1999), essa vaga definição e as diferentes maneiras de se referir à motivação trazem duas desvantagens. Primeiro, se se técnicos e psicólogos usam o termo motivação no diálogo com atletas (e.g. “você precisa se motivar mais”), sem explicar-lhes ao que eles estão se referindo, o atleta pode inferir esse significado em casos de indivíduos com auto-estima baixa, pode haver uma influência negativa. Em segundo lugar,

teóricos desenvolvem estratégias ou técnicas para motivar indivíduos, mas na prática não se identifica como essas estratégias interagem.

Ao pesquisar motivação, percebe-se que ela está associada a um grande número de outros fatores durante a ação (ou não ação) humana. Dentro destes fatores, podemos destacar, inclusive pelo grande aparecimento na literatura específica da área de motivação a Percepção da Competência. Outros fatores seriam: instintos (geralmente ligados à mudanças hormonais e corporais), impulsos (básicos para a sobrevivência dos animais, estão incluídos: fome, sede, sono, sexo, conforto e fuga da dor) outro fator intimamente ligado à motivação são as emoções, emoção nos motiva, mobiliza energia e gera a tendência da ação (Izard, 1991).

Dentro da Psicologia do esporte, a motivação é estudada a partir do motivo de realização, pois se acredita que ele é o mais influente para as situações que envolvem o contexto esportivo, de desenvolvimento do atleta e de resultados de performance.

O motivo de realização foi definido por Murray (1938), e refere-se ao esforço do indivíduo de concluir uma tarefa, atingir excelência, superar obstáculos, atuar de maneira melhor que os outros e orgulhar-se de seus talentos. É a motivação que orienta as pessoas a realizar suas aspirações, persistir quando erram, e sentir orgulho ao conseguir. (Gill, 1986)

O conceito “motivo de realização” tem sido discutido na psicologia há mais de um século. Ele apareceu pela primeira vez com William James (1890), originado do estudo do comportamento. Estudos sistematizados, pesquisas e teorias nos últimos 60 anos aprimoraram esse conceito (Hope, 1930; Lewin, Dembo, Festinger & Sear, 1944; Murray, 1938 APUD Elliot, 1999).

Dentro desses e muitos outros teóricos destaca-se na literatura, e é claramente mais influente e criadora dentro dos estudos sobre a motivação, a teoria do estabelecimento de metas (Dweck, 1986; Nicholls, 1984). Essa teoria

é pesquisada dentro das diferentes áreas de atuação da psicologia como escolar, social, organizacional e esportiva.

A teoria motivacional do estabelecimento de metas originou-se no início da década de oitenta, com o trabalho pioneiro de Carol Dweck (1986), John Nicholls (1984) e outros (Ames, 1984; Maehr, 1984). Nessas abordagens a meta estabelecida é definida como o propósito, ou o foco cognitivo do engajamento na tarefa e a diferente meta estabelecida é colocada como uma moldura para o indivíduo interpretar e experienciar suas realizações (Elliot, 1999).

Dweck (1986) e Nicholls (1984), assim como os outros teóricos do estabelecimento de meta motivacional, delineararam dois tipos de metas. Dweck define como meta de performance e meta de aprendizagem e Nicholls as define como orientação para o ego e orientação para a tarefa.

Essas duas metas estão relacionadas com a maneira que as pessoas julgam seu nível de competência. Quando os indivíduos são orientados pela tarefa as percepções da capacidade e o tipo de evento que ocasionam sentimentos de êxito, são de referência própria. Existe uma melhora da habilidade, do domínio da tarefa, muito trabalho e um compromisso com a própria atividade. A percepção que o indivíduo possui da própria capacidade é bastante adequada à realidade (Duda, 1993).

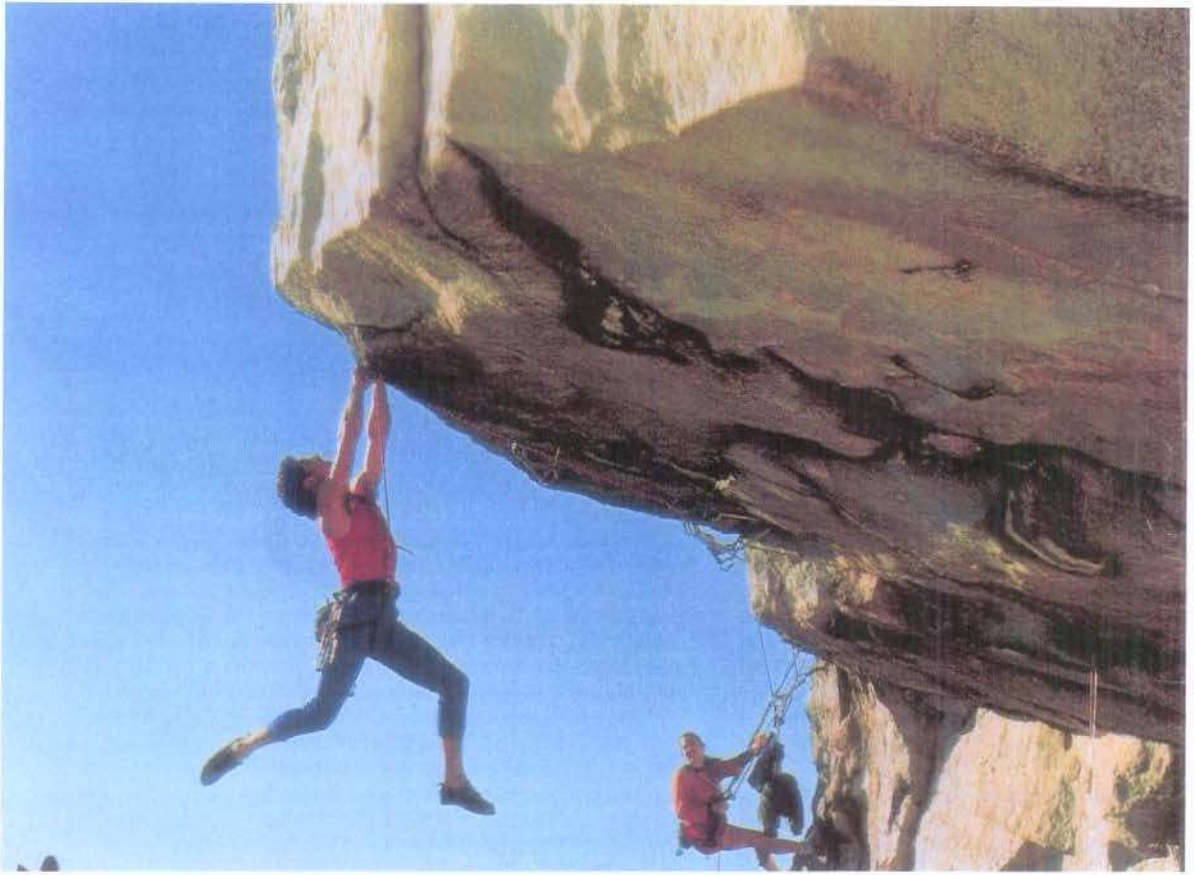
Já indivíduos orientados para o ego, quando questionados por seu nível de competência, apresentam um baixo padrão comportamental orientado para a realização, e a percepção da capacidade é frágil. Geralmente indivíduos envolvidos pelo ego reduzem seus esforços, param de tentar e alegam falta de interesse quando comparados com indivíduos orientados para a tarefa (Jagacinski e Nicholls, 1990).

Quando existe a orientação para o ego e geralmente a percepção da competência é baixa, o indivíduo (atleta) tende a escolher atividades muito difíceis, podendo desta forma, justificar seu fracasso (dificuldade da tarefa)

(Elliot, 1999). Além do estabelecimento das metas para esportistas é fundamental o desenvolvimento da motivação para o rendimento, que seria o desejo de melhorar, aperfeiçoar ou manter seu rendimento. A motivação de rendimento é caracterizada por duas tendências: procurar êxito e evitar o fracasso (Samulsky, 1990).

Muitas vezes definida como percepção da habilidade, auto-eficácia ou confiança por vários teóricos, o construto da percepção da competência tem um papel fundamental para o estudo da motivação (Roberts, 1984). A percepção da competência também é de extrema importância para a escolha da modalidade esportiva, pois é através dela, junto com a autoconfiança e a auto-eficácia que se percebe a possibilidade de realizar ou não uma tarefa. No caso de modalidades de risco ela é fundamental, pois uma escolha ou uma percepção errada a respeito de uma situação do momento da realização da tarefa pode ser fatal.

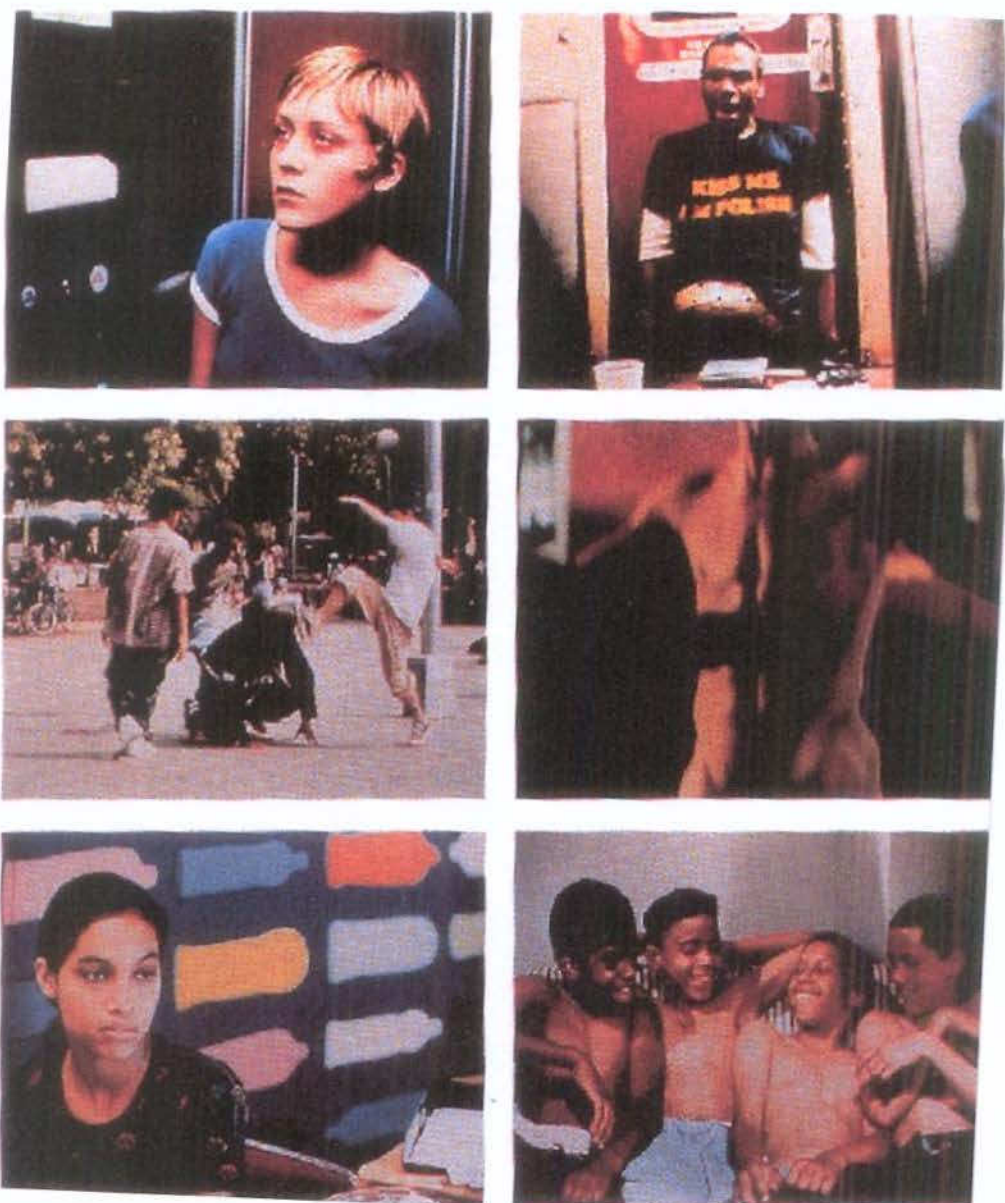
É ideal que o atleta saiba dos seus limites e de suas potencialidades para entrar, por exemplo, numa onda, ou para subir num pico durante uma expedição. Nessa hora a competência deve ser total e ele não pode falhar, pois pode morrer.



Fonte: Além do limite. *Reportagem da Revista Superinteressante*, Ano14, no. 12 (dezembro/200). Editora Abril.



Fonte: Além do limite. *Reportagem da Revista Superinteressante*, Ano14, no. 12 (dezembro/200). Editora Abril.



Fonte: Larry Clark

Untitled (Kids)

1995. 6 C-prints, 27X 40 cm

Taschen Book: ART AT THE TURN OF THE MILLENNIUM

IV CAPÍTULO

A BUSCA DE SENSAÇÕES

Esse risco que se corre, mas que ao mesmo tempo sabe que se pode correr, é a busca de sensação.

Desde que Zuckerman (1979) introduziu a Escala de Busca de Sensações (Sensation Seeking Scale - SSS), muitas pesquisas foram direcionadas para o comportamento de risco ou a busca de sensações. A busca de sensações, segundo Zuckerman (1994) é um traço definido como a busca de variedade, novidade, complexidade e intensa sensação e experiência e a disposição de assumir riscos físicos, sociais, legais ou financeiros. O indivíduo que busca sensações aceita ou subestima o risco como o preço que tem de pagar pela sensação ou experiência propriamente dita. Isso pode gerar uma dificuldade de relacionamento entre pessoas que possuem este tipo de personalidade, pois parentes ou até terapeutas têm dificuldade de aceitar o risco que o outro está correndo.

A presença deste traço em maior ou menor grau pode influenciar na escolha vocacional ou a preferência por determinados trabalhos, a satisfação no trabalho, relações interpessoais, hábitos alimentares e preferências por determinados tipos de comidas, preferências na mídia e nas artes, humor, fantasias, criatividade e atitudes sociais.

Esse conceito, estudado e modificado desde 1979, quando Zuckerman lançou o livro "Sensations Seeking: Beyond the Optimal Level of Arousal" e foi atualizado e revisado em seu último livro "Behavioral Expressions and Biosocial Bases of Sensation Seeking" (1994).

A busca de sensações derivou-se da teoria estabelecida por Eysenck

sobre a personalidade. Para este autor, as principais dimensões estruturantes da personalidade são: Extroversão-Introversão (E), Neuroticismo-Estabilidade Emocional (N) e psicotismo-controle impulsivo (P). A partir desta teoria, um grande número de estudos foi realizado, e uma sucessão de inventários foram criados para investigar estas dimensões (Omar e Delgado, 1998).

Também a partir desta teoria surgiram outras hipóteses sobre as condutas humanas, principalmente no campo anti-social e criminal. Eysenck & Eysenck (1964) desenvolveu uma teoria sobre a criminalidade, onde concluiu que os sujeitos que se envolvem em criminalidade são mais extrovertidos e menos “condicionáveis”. Mais tarde, o mesmo autor (1978), desenvolveu o modelo de psicopatia primária e secundária. Psicopatia, personalidade anti-social e criminalidade também se relacionam com a busca de sensações. Em um dos capítulos de seu último livro, Zuckerman (1994) relaciona a busca de sensações e outras dimensões da personalidade e demonstra os estudos que confirmaram a existência de uma correlação entre elas: necessidade de novidade e mudança, “abertura” (pré-disposição) para novas experiências, curiosidade, esquiva de monotonia, comportamento de risco e impulsividade.

A busca de sensações é vista como uma necessidade primária do indivíduo e estaria relacionada à manutenção de um nível ótimo de estimulação (NOE). Existem diferenças individuais e também diferenças de estimulação do sistema nervoso central do próprio indivíduo para as diferentes tarefas que pode realizar. Essas diferenças, ou esses diferentes fatores podem contribuir ou não para um nível ótimo de estimulação, como: níveis recentes de estimulação, exigência das tarefas em que o indivíduo está envolvido e rotina diária. Alguns desses fatores estão relacionados a questões sociais ou culturais (como idade ou rotina diária), outros fatores expressam a constituição biológica ou genética do ser humano (sistema nervoso central,

fatores constitucionais).

A questão da idade deve ser aprofundada, principalmente por sua relação com a participação em atividades esportivas. A adolescência “é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento” (Aberastury, 1983). É neste momento de ambivalência pela perda da infância e entrada no “mundo adulto e desconhecido”, que o adolescente tende a engajar-se em atividades sociais (junto com o grupo). Muitas vezes estas atividades são realizadas por ele pelo simples fato de satisfazer uma exigência do grupo. Esta situação pode levar a escolhas erradas quanto a situações de risco, pois esses riscos deixam de ser bem avaliados, porque existe a questão da onipotência presente nesta fase do desenvolvimento (Greene et alii., 2000)

Um prazer intrínseco para sensações e atividades parece motivar o aparecimento da busca de sensações, isto sugere a presença de um hedonismo nos indivíduos que possuem esse traço em sua personalidade.

Outra atividade que pode ser considerada de risco é a prática de alguns tipos de modalidades esportivas. A busca de sensações no contexto esportivo sempre foi vista por Zuckerman (1983) sob a perspectiva de um comportamento de risco. Uma implicação do construto busca de sensações é que a modalidade esportiva que o indivíduo tende a participar pode ser baseada no quanto este indivíduo possui muito ou pouco o traço da busca de sensações.

Zuckerman (1983) classificou os esportes de acordo com os riscos que estes apresentavam. De um lado colocam-se esportes como pára-quedismo, corrida de carro e asa-delta. O que caracteriza estas modalidades é o perigo extremo e sua grande associação com números de acidentes (e.g. risco de acidentes fatais). No outro lado da classificação do autor, estão modalidades como natação, maratona e golfe, onde acidentes podem acontecer mais o risco

destes serem fatais é muito distante. Entre estes dois grupos de modalidade existe também o grupo de médio risco, onde se encontram as chamadas “modalidades de contato” como futebol americano ou rugby (modalidades pouco praticadas no Brasil), onde é possível que aconteça acidentes sérios, mas a possibilidade de morte é remota.

Muitos estudos foram desenvolvidos a partir da conceitualização de Zuckerman (1983): “o amplo traço de busca de sensações está relacionado com a participação de esportes específicos, isto é, esportes que proporcionam sensações e novas experiências como pára-queda, asa-delta, esqui e mergulho” (p.290). Foram encontrados artigos generalizando o conceito de esporte, onde estavam envolvidas diversas modalidades (Jack & Ronan, 1998; Shoham et al. 1998; Slinger & Rudestam, 1997; Chirivella & Martinez, 1994; Goma, 1991; Kerr, 1991; Potgieter & Bisschoff, 1990), artigos tratando do lazer de risco, ou recreações de risco (Schrader & Wann, 1999; Gilchrist et al, 1995; Schuett, 1993). Outros artigos são caracterizados pelo estudo de uma modalidade esportiva específica de risco, como paraquedismo (Pierson, et al. 1999), bungee-jump (saltar amarrado a um elástico de uma altura mínima de 40 metros, a corda elástica pode estar amarrada a um guindaste ou a uma ponte) (Breivick, Roth & Jorgensen, 1998), esqui (Cherpitel, Meyers & Perrine, 1998), alpinismo (Cronin, 1991; Breivik, 1997), asa-delta (Wagner & Houlihan, 1994), ciclismo (Jackson & Wilson, 1993).

Pára-quadistas, corredores de automobilismo e praticantes de asa delta apresentaram maiores pontuações na EBS que o grupo controle. Esportes considerados de risco médio (esportes de contato), também foram associados com busca de sensações mais alta. E trabalhos mais recentes demonstram a relação entre busca de sensações e modalidades esportivas de risco (Hymbaugh & Garrett; Straub; Cronin; Freixanet, apud Jack & Ronan 1998).

Segundo McCutcheon (1980), esportes de baixo risco como corrida ou Ginástica artística foram relacionados negativamente com a busca de

sensações, ou seja, estes esportes são geralmente procurados por indivíduos com um traço mais fraco da busca de sensações.



Fonte: C. G. Jung
"O homem e seus símbolos"
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

V CAPÍTULO

O COMPORTAMENTO DE RISCO

Este estudo sugere a diferenciação em um traço da personalidade, a busca de sensações, para a escolha de modalidades esportivas de risco. Hoje a prática de atividades de risco ou os esportes “radicais” tem aumentado muito no cenário atual. Kostman (2000) mostra que o surfe, já conta com mais de dois milhões de adeptos no Brasil. Outras modalidades como o pára-quedismo, e a escalada esportiva mostram a intensa participação de novos adeptos principalmente pelo grande número de campeonatos que vêm sendo desenvolvidos, principalmente no estado de São Paulo. O número de participantes nesta modalidade aumentou 157% entre 1995 e 1998 (Kenski, 2000).

Esta intensa participação em modalidades radicais também é verificada pelo crescimento do mercado que mexe com ecoturismo ou esportes de aventura. Segundo Ribeiro (apud Kenski, 2000), diretor de marketing da Adventure Sports Fair, uma feira de produtos e serviços ligados à aventura realizados em novembro de 2000 em São Paulo que reuniu cerca de 71000 pessoas, este mercado deve crescer entre 500% e 600% nos próximos três anos.

A mídia traz a sua contribuição, deixando claro em entrevistas, matérias de jornal e propagandas a crescente aparição destas modalidades. Usando o esporte radical como a maneira “socialmente aceita” para se correr riscos. Produtos desde achocolatado em pó até óculos escuros contam com imagens de esportistas de modalidades de risco em suas embalagens e propagandas.

O risco torna-se necessário em muitas situações onde se experimenta determinada ação ou sensação. Dentro da busca de sensações, o indivíduo se dispõe a correr riscos, mas este não é em si o seu objetivo, ou seja, ele quer a sensação que aquela atividade vai proporcioná-lo, por isso o risco não é essencial para a motivação de um determinado comportamento. Correr riscos pode ser definido por Zuckerman (1994) como a probabilidade avaliada de um efeito ou consequência negativa do comportamento. Riscos podem ser físicos, legais, financeiros ou sociais. Indivíduos que tem uma alta busca de sensações tendem a achar que o risco que eles correm ao engajar-se em atividades de risco vale a pena pela sensação de prazer que as mesmas trazem.

O comportamento de riscos geralmente está associado à motivação e a emoção do indivíduo no instante da decisão e está seguido de uma alta carga de ansiedade. Neary (apud Zuckerman, 1994) verificou que o termo ansiedade é, porém, descrito pelos indivíduos que buscam sensações com palavras como: assustador, chateado e preocupado.

De acordo com esse modelo, o estado de ansiedade varia diretamente com o grau do risco avaliado. No caso da busca de sensações o risco é avaliado em seu ponto máximo (nível ótimo de ativação). A novidade da situação apresentada também pode gerar ansiedade quando envolve riscos. Porém, apenas a situação nova não necessariamente causa ansiedade (Gray, apud Zuckerman, 1994).

Diferentes situações podem gerar o risco, por exemplo, o risco físico é determinado quando o sujeito se engaja em ações que estão relacionadas ao risco de se machucar ou em atividades que possuem grandes probabilidades de acidentes ou até mortes (Roysamb, 1997). O risco financeiro pode ser considerado quando o indivíduo participa de atividades como jogos de azar, apostas, ou altos investimentos em bolsas de valores ou afins. Isso geralmente acontece porque as pessoas possuem uma ilusão de controle da situação. É interessante notar que indivíduos que participam de jogos de azar não têm

como sua maior motivação o dinheiro, e sim por excitação ou prazer que sentem ao jogar (Anderson & Brown, 1984).

Outro tipo de risco que permeia a busca de sensações é de viagens ou migrações. Estudos mostraram uma alta correlação entre busca de sensações e a vontade de se mudar de estado ou até de país (Schroth & McCormack 2000). Pessoas que marcam poucos pontos na EBS preferem o conforto e a familiaridade de seu próprio ambiente. Zuckerman (1979b) realizou um estudo em que sujeitos responderam a escala de Neary (1975) para busca de sensações e ansiedade sobre como se sentiriam com a possibilidade de possíveis viagens. Essas viagens foram escolhidas considerando-se a possibilidade de risco que representavam, (EUA e Europa representavam menor risco, Ásia representava um risco um pouco maior e Antártica maior ainda, a viagem considerada mais arriscada era para Lua). A ansiedade aumentava diretamente de acordo com a escolha da viagem mais arriscada e a busca de sensações mostrou uma relação curvilínea com o aumento de risco. Um risco ainda maior que viajar para lugares arriscados é migrar, pois a mudança de ambiente é relativamente permanente. Dados da história mostram que é considerado mais aventureiro aquele que migra para terras desconhecidas ou distantes, mesmo que as condições sociais e políticas de seu país de origem sejam ruins.

Experiências sexuais também são consideradas formas de risco, quando praticadas sem proteção (preservativo) colocam o indivíduo numa situação de risco de contaminação de várias doenças sexualmente transmissíveis (principalmente a AIDS) e gravidez indesejada. A AIDS apresenta, porém um risco diferenciado, pois a doença não se manifesta imediatamente após a situação de risco, como por exemplo: se o sujeito vai pular de pára-quadras ele avalia o “resultado” final de sua aventura depois de tocar o solo e pode verificar se machucou ou não, se uma pessoa aposta ela sabe se perdeu ou ganhou. Porém se uma pessoa se contaminou com o vírus da AIDS, ela só

saberá disso depois de se submeter a um exame de sangue específico, que é muito raro antes da manifestação da doença. Desta forma ela pode continuar apresentando o comportamento de risco (sexo sem proteção) e continuar contaminando pessoas que também estão correndo o risco (Donohew et alli, 2000; Lye & Geliga, 2000).

Outros tipos de riscos como o tabagismo ou riscos de saúde por uso de drogas álcool ou substâncias estimulantes também estão relacionados com a busca de sensações, embora seja mais freqüente na adolescência ou no período que sucede o alcoolismo. Esta relação foi encontrada por Andrew & Cronin (1997) com adolescentes Australianos. Também um estudo realizado com adolescentes espanhóis mostrou uma relação entre a busca de sensações e o consumo de drogas como álcool e cigarro (del Barrio Gandara e Alonso, 1994).

Comportamentos anti-sociais, delinqüentes ou criminais também são relacionados com a busca de sensação. Segundo Arnett (1996) a busca de sensação está relacionada com todos os tipos de comportamento imprudentes entre adolescentes, incluindo cinco tipos de direção automobilística, sexo sem proteção, sexo com uma pessoa que você conheceu eventualmente, número de parceiros sexuais, uso de drogas e álcool, vandalismo e furtos.

Kerr & Vlaminkx (1997) encontraram em seus estudos sobre comportamento de risco e sexo uma diferença entre mulheres e homens ao se envolver com atividades de risco. Para as mulheres algumas atividades de risco significavam uma experiência mais estressante do que para homens.

VI CAPÍTULO

A CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO PARA MEDIR BUSCA DE SENSações

Zuckerman (1979) originalmente desenvolveu a escala Busca de Sensações para avaliar a tendência e as diferenças individuais no nível ótimo de estimulação. A Forma I da escala continha 54 itens, sendo 14 relacionados com sensações extremas, 12 relacionados com a prática de atividades perigosas, dois relacionados com necessidade de excitação geral, quatro itens relacionados com a necessidade de aventura, oito itens expressando a busca pelo novo ou o não-familiar, oito itens expressando a preferência por irregularidades e 6 itens relacionados com amigos excitantes (opostos de confiáveis e previsíveis). Nos trabalhos seguintes, a escala foi modificada, e passou pela Forma II, III e IV. 63 novos itens foram incluídos, também relacionados à atitudes sexuais (Zuckerman, 1979). Esses 113 itens (quatro foram depois excluídos) foram a base para a construção da Forma V que é usada neste trabalho.

Além da Sensations Seeking Scale (SSS), uma nova escala para busca de sensações já foi desenvolvida por Arnett (1994) chamada Inventory of Sensations Seeking (ISS) e é também bastante utilizada em estudos sobre busca de sensações, inclusive em esportes (Haynes, Miles & Clements, 2000; Zarevsky et alii, 1998). Um estudo de Chico e Vazquez (2000) procurou identificar as relações entre os dois instrumentos (SSS e ISS). Os autores encontraram que ambos se relacionam com o Questionário de Personalidade de Eysenck. A SSS se correlaciona menos com psicotismo que o ISS e mais com itens referentes a comportamentos anti-sociais.

A Escala de Busca de Sensações (Forma-V) consiste de 40 itens de escolha forçada entre duas alternativas. Existem quatro sub-escalas contidas na EBS, cada uma contendo 10 itens. Os itens para cada sub-escala foram escolhidos através de análise fatorial, e os 10 itens com os maiores valores carregados nos 4 primeiros fatores formaram as 4 sub-escalas nomeadas: busca de aventura (Thrill and adventure seeking- TAS), Busca de experiências (Experience seeking- ES), Desinibição (Disinhibition-DIS) e Suscetibilidade ao tédio (Boredom susceptibility- BS).

Apesar dos itens da escala original terem sido formulados com base no conceito de Zuckerman sobre a busca de sensações, a última versão da escala (Forma V) foi constituída unicamente através de critérios estatísticos, isso pode ter interferido para a fidedignidade do teste (Jackson e Maraun, 1996a).

As sub-escalas são representadas pelos seguintes itens:

	ITENS
TAS (BUSCA DE AVENTURA)	3,11,16,17,20,21,23,28,38,40
ES (BUSCA DE EXPERIENCIAS)	4,6,9,10,14,18,19,22,26,37,
DIS (DESIBINICAO)	1,12,13,25,29,30,32,33,35,36
BS (SUSCETIBILIDADE AO TEDIO)	2,5,7,8,15,24,27,31,34,39

Mesmo sendo muito utilizada na literatura esta escala tem sofrido algumas críticas e gerado algumas discussões polêmicas (Zuckerman, 1996 a; Jackson & Maraun, 1996 a, 1996 b). Segundo Jackson & Maraun (1996a), ela não mede o que se propõe a medir, justamente por sua construção apenas por análise fatorial. Para os autores, existe uma grande diferença entre um indivíduo que realmente busca sensações e aquele que gostaria de buscar

sensações. O termo busca de sensações sugere um propósito ou uma intenção realizada. Um pintor de edifícios, que fica suspenso a mais de 4 metros de altura não pode ser considerado um indivíduo que busca sensações, pois está nestas condições de perigo devido a uma profissão. Por outro lado, um garoto que se pendura neste mesmo edifício, nesta mesma altura só pela sensação de estar ali, nas alturas, é considerado um indivíduo que busca sensações.

Este pode ser o principal ponto fraco da escala de Zuckerman. Alguns itens podem ser respondidos como significativos para a busca de sensações, porém a pessoa que os respondeu apenas tem vontade de realizar essas tarefas e não necessariamente as realiza.

Neste estudo, isto provavelmente não influenciará os resultados, porque os sujeitos serão selecionados justamente pelas atividades ou modalidades de risco que praticam, sendo com certeza, indivíduos que estão expostos ao risco. Já os sujeitos selecionados por praticarem modalidades consideradas de baixo risco podem apresentar resultados não esperados (eles podem marcar um escore alto na escala e não praticarem de fato atividades de risco).

Recentemente Zuckerman (1984) criou a escala na Forma VI, onde as sub-escalas Busca de Aventura e Desinibição são separadas em experiências (expressas em experiências já realizadas) e intenções ou desejos para o futuro. As escalas de experiências e intenções tiveram uma correlação alta com a escala de Desinibição e uma correlação moderada com a busca de aventura, indicando que intenções e preferências estão relacionadas com o comportamento em todas as atividades.

Para a construção da escala em português, os itens foram traduzidos e organizados da mesma maneira sugerida por Zuckerman (1994). O autor sugere no final de seu teste que algumas modificações de linguagem pode ser feitas em alguns itens para que o instrumento seja mais adequado ao idioma que ele será traduzido. Primeiramente nada foi modificado. Os itens foram

mantidos com a tradução praticamente literal do instrumento original em inglês. Foi realizado então o processo de back-translation para o desenvolvimento da sua equivalência lingüística (Brislin, 1970). O instrumento foi traduzido do inglês para o português, uma terceira pessoa, que não teve nenhum contato com o instrumento original traduziu a versão em português novamente para o inglês. As duas versões em inglês foram posteriormente comparadas, mostrando uma qualidade na redação dos itens em português. A versão final, elaborada para o estudo piloto, foi aplicada em 10 sujeitos praticantes da modalidade surf. Foi pedido aos sujeitos comentários a respeito da escala (já descritos neste relatório). Algumas modificações foram feitas baseadas nestes comentários e nas sugestões de Zuckerman. No item 12, *far-out groups* foi inicialmente traduzido como *grupos marginais*, porém o termo foi considerado preconceituoso e foi modificado por grupos diferente.

RESULTADOS E ANÁLISE

Estatística Descritiva dos Sujeitos

IDADE DOS SUJEITOS

Média= 25,33 dp=6,54 (Idade Mínima: 18 anos-Idade Máxima; 57 anos)

TEMPO DE PRÁTICA NA MODALIDADE

Média= 5,65 dp= 4,9 (Mínimo de prática: 0,5 ano, máximo de prática: 20 anos)

Sexo dos Sujeitos

76,9% Masculino
23,1% Feminino

A diferença significativa de sexo provavelmente se dá pelo menor número de mulheres na prática das modalidades escolhidas para esse estudo. Principalmente nas modalidades consideradas de risco, a prática feminina se torna menos freqüente, como por exemplo, nas modalidades Surfe e Escalada dentre dez atletas oito eram homens e 2 eram mulheres. Não se pode afirmar com estes resultados que essa diferença entre os sexos é significativa pelo pequeno número de sujeitos participantes em cada modalidade.

Praticantes por Modalidades

Surfe: 10 participantes- 15,4%
Ginástica Geral: 12 participantes- 18,5%
Natação: 11 participantes- 16,9%
Pára-quedismo: 12 participantes- 18,5%
Corrida: 10 participantes- 15,4 %
Escalada: 10 participantes- 15,4%
Total: 65 participantes- 100%

A versão final do instrumento foi desenvolvida a partir do estudo piloto e considerações feitas pelos atletas (Anexo III). Uma pergunta aberta sobre os riscos de sua modalidade também foi elaborada para diagnosticar a percepção de risco que o atleta tem de sua modalidade. A pergunta foi: “Você acha que corre algum risco praticando esta modalidade esportiva? Qual?”. A análise das respostas de cada modalidade será apresentada a seguir, os surfistas, porém não responderam a essa pergunta, pois participaram apenas do estudo piloto.

Na Ginástica Geral oito participantes responderam à questão dizendo que o risco da prática da modalidade é de lesões musculares. Quatro sujeitos responderam que não acham que correm riscos praticando essa modalidade. Um dos sujeitos respondeu que existem riscos de quedas durante acrobacias ou exercícios perigosos em determinados aparelhos como salto ou trampolim acrobático. Um participante indicou que a forma adequada de praticar a modalidade evita riscos durante sua execução.

Praticantes da Natação responderam que não existe nenhum risco praticando sua modalidade. Apenas um sujeito salientou o risco de lesões musculares. Outro respondeu da importância de se respeitar o “ritmo” de cada atleta para que não haja riscos.

Os praticantes da Escalada Esportiva responderam que existem riscos na prática desta modalidade, sendo que um dos riscos mais citados é o de morte. Outros riscos determinados foram o de lesões musculares, contusões, fraturas. Um dos sujeitos colocou a seguinte frase: “Não fazemos para escaparmos da vida e sim para que ela não escape de nós”. Os discursos dos escaladores na maioria das vezes inferindo um certo “prazer” em correr o risco e uma certa “despreocupação” com o risco que a modalidade oferece, uma vez que todos corremos riscos em todos os momentos. Essa postura fica evidente em frases como:

“Na vida corremos os mais diversos riscos, portanto enfrentar alguns com inteligência e clareza é muito interessante”.

"Corremos os mesmos riscos que correm quem está vivo"

Os pára-quadistas afirmaram todos que existe risco na prática de sua modalidade, porém apenas alguns se referiram à morte como um dos riscos, porém a palavra esteve presente em 4 dos 10 participantes. Apenas um sujeito respondeu que não há riscos em praticar pára-quadismo.

Os corredores afirmaram que existe risco na prática de sua modalidade e em todos os casos o risco considerado foi lesões musculares. Isso se dá, pois uma lesão muscular para um corredor significa a impossibilidade de praticar sua modalidade e como as lesões são freqüentes passam a ser consideradas um grande risco.

As respostas indicam que os atletas possuem uma boa percepção do risco que cada modalidade oferece.

A Escala Busca de Sensações avaliou o score de busca de sensações de cada sujeito avaliado.

A versão final da escala foi aplicada em 60 sujeitos, praticantes das modalidades: ginástica geral, surfê, pára-quadismo, corrida, natação e escalada. Os sujeitos responderam ao questionário individualmente. Os dados foram computados no SPSS (versão 6.0). Os instrumentos foram corrigidos de acordo com as instruções estabelecidas por Zuckerman (1994) e Aron & Aron (1999). Para cada alternativa correspondente no "gabarito" oferecido pelo autor, o sujeito recebe 1 ponto ou, se ao contrário, recebe 0.

Os resultados serão apresentados a seguir:

Média de pontos em modalidades:

Modalidade Praticada	Média de pontos	N	Desvio Padrão
Surfe	25,40	10	4,29
Ginástica geral	21,91	12	3,65
Natação	25,00	11	5,29
Escalada	29,10	10	2,18
Pára-quedismo	26,33	12	7,55
Corrida	26,70	10	8,44
Total	25,63	65	5,88

Média de pontos em diferentes Sexos:

Sexo dos sujeitos	Média de pontos	N	Desvio Padrão
Masculino	25,6122	49	5,4917
Feminino	25,6875	16	7,1528
Total	25,6308	65	5,8832

A correlação entre a idade dos sujeitos e o número de pontos marcados na escala é de -. 73.

A correlação entre o total de pontos marcados na escala com o tempo de prática esportiva é de -. 16.

Diferença entre o Grupo de Modalidades de Risco E de Modalidades Não-risco

	Grupo de modalidade	N	Média	Desvio Padrão
TOTAL DE PONTOS	Risco	32	26,9063	5,4261
	Não risco	33	24,3939	6,1234

As diferenças entre as médias foram comparadas através do teste-t para amostras independentes, evidenciando uma diferença estatisticamente não significativa $t = 0.08$.

O USO DE DROGAS NO ESPORTE

Um resultado interessante e relevante para este trabalho é o envolvimento com drogas dos atletas que participaram deste estudo. Os participantes de modalidades de risco responderam em 83% dos testes que já experimentaram ou gostariam de experimentar maconha. Outros 51% afirmaram que gostariam de experimentar drogas que produzissem efeitos alucinógenos. Esse número não foi tão significativo nos praticantes de modalidades consideradas de baixo risco (35%). Neste caso, pode-se afirmar que os indivíduos que se expõem ao risco físico proporcionado pela modalidade esportiva que escolhem, tendem a escolher ou envolver-se em outras atividades de risco na sua vida pessoal. O uso de drogas está associado a algum risco mesmo que apenas psicológico e está associado às situações de exposição à violência e dependência, assim como riscos de relacionamentos e desempenho em outros setores da vida. É intrigante pensar que o uso de drogas pode estar ainda associado ao momento da prática (como no surfe) ou momentos seguidos da prática (como a escalada esportiva). Podendo até prejudicar a performance dos indivíduos e gerando um maior risco, devido a possibilidade de mudanças na percepção da competência naquele momento. É

possível também que algumas drogas, como a maconha, amplifiquem ou potencializem o prazer sentido pela adrenalina ou pelas percepções durante a prática esportiva, ou depois dela, e por isso é tão usada por estes praticantes.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os resultados foram inesperados (talvez), primeiro porque a média de respostas na escala de busca de sensações de Zuckerman foi muito parecida entre os dois grupos de modalidade de risco e não. E depois porque as respostas dos atletas sobre o risco de sua modalidade contrariavam a definição se aquela modalidade era de risco ou não mostrando intensamente que o risco é muito subjetivo para o atleta. Os pára-quedistas responderam que não corriam riscos ao praticar esta modalidade enquanto corredores todos achavam que corriam riscos. O risco para eles era de lesões...

Como considerar então o comportamento de risco nos esportes se o risco para os que o praticam não é enxergado como risco?

O risco é para os praticantes de modalidades como as estudadas aqui, uma forma de “libertação”, contendo uma forte simbologia, assim como uma possibilidade de quebra da rotina ou do tédio da vida cotidiano, possibilitando um maior envolvimento e contato com a natureza. Geralmente são práticas que necessitam um conhecimento do clima, do vento, do mar. Isso é muito interessante para o desenvolvimento de uma consciência e da segurança que é necessária ser confirmada antes de cada salto, onda ou caminhada.

Já os corredores, por exemplo, possuem grande risco de machucar-se correndo em qualquer lugar, pois dependem de articulações sensíveis como joelhos e ao machucar-se um corredor não pode mais praticar sua modalidade. O grau de envolvimento do atleta com sua prática e em cada modalidade varia. Parece que os atletas da modalidade de risco são mais “desencanados” e praticam o esporte por prazer e não por competição ou resultados de performance. Aí entra uma questão interessante que foi revelada pelos resultados o uso de drogas. Participantes do grupo de modalidade de risco usam ou já usaram maconha e outras drogas alucinógenas num número

bastante alto. Bem maior dos praticantes de modalidades de não risco. Isso está relacionado também ao tipo da prática, pode influenciar a percepção do risco, ou a dilatação do mesmo, que influi na maior liberação e curtição da adrenalina presente.

O risco, ou o comportamento de risco é bastante estudado pela psicologia, mas ainda tem de ser aplicado no esporte. A prática do esporte de risco é influenciada pela mídia, além de ser socialmente reverenciada. A moda surfe, por exemplo, incentiva pessoas a praticarem a modalidade por ser considerada interessante socialmente. Esta visibilidade que o esporte de risco dá está relacionada à história da humanidade que sempre prestigiou aqueles que vencem ou desafiam a morte. O mito do herói tem uma relação grande com a prática de modalidades de risco ou mesmo de não risco, pois os atletas vencendo seus próprios limites ou quebrando um Record também podem ser muito vitoriosos e reconhecidos.

A principal conclusão deste trabalho é que risco ou percepção do risco é diferente de busca de sensações.

Outra hipótese que pode ser levantada é a da falha na validação ou tradução do instrumento para resultados tão parecidos nos dois grupos de modalidades. Isso sugere, portanto a continuidade do processo de validação e tradução da Escala de Busca de Sensações.

É necessário um aprofundamento e uma continuidade neste estudo, pois aborda uma pequena parte deste universo que são as práticas esportivas de risco, ou a busca de sensações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aberastury, A. (1983) *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Allen, B. P. (1997) *Personality Theories*. Massachussets: Allyn and Bacon.
- AMES, C. (1984). *Competitive, cooperative, and individualistic goal structures: A cognitive-motivational analyses*. In: C. Ames & R. Ames (Eds.) Research on motivation in education., Vol, 3 pp. 177-207. New York: Academic Press.
- Andrew, M. & Cronin, C. (1997) Two measures of sensation seeking as predictors of alcohol use among high school males. *Personality and Individual Differences*, 22 (3), pp. 393-401.
- Arnett, J. (1994) Sensation Seeking: a new conceptualization and a new scale. *Personality and Individual Differences*. 16 (2): 289-296.
- Arnett, J. (1996) Sensation Seeking, agressiveness, and adolescent reckless behavior. *Personality and Individual Differences*, 20 (6), pp. 693-702.
- Anderson G. & Brown R. (1984) Real and laboratory gambling, sensation seeking and arousal. *British Journal of Psychology*, 75, pp 401-410.
- Aron A. & Aron, E. (1999). *Statistics for Psychology*. Prentice Hall: New Jersey.
- Auweele, Y. V.; Cuyper. B.; Mele, V. & Rzewnicki, R. (1993) Elite performance and personality: from description and prediction to diagnosos and intervention. In Singer, R; Murphey, M. Tennant, L. K (eds.) *Handbook of Sport Psychology* (pp.257-289). New York: MacMillan.
- del Barrio,V. G. e Alonso,C. S. (1994) Busqueda de sensaciones y consumo de drogas legales en escolares. *Clinica y Salud*, vol 5(1): 69-81.
- Bracht, V. (1995). As ciências do esporte no Brasil. In: Ferreira, A.; Goeller, S.; Bracht, V. (orgs.) (1995) As ciências do esporte no Brasil. Campinas: Autores Associados.
- Breivik, G (1997) Personality, sensation seeking and risk taking among

- Everest climbers. *International journal of sport psychology*, 27 (3): 308-320.
- Breivik, G.; Roth, W. T. & Jorgensen, P. E. (1998) Personality, psychological states and heart rate in novice and expert parachutists. *Personality and Individual Differences*, 25 (2): 365-380.
- Brislin, R. W. (1970) Back-translation for cross-cultural research. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 1 (3), 185-216.
- Buriti, M. (1997). *Psicologia do Esporte*. Editora Alínea, Campinas, SP.
- Butt, D. S. (1987) *The psychology of sport: the behavior, motivation, personality and performance of athletes*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Cherpitel, C. J.; Meyers, A. R. & Perrine, M. W. (1998) Alcohol consumption, sensation seeking and ski injury: A case control study. *Journal of studies on alcohol* [On-line] 59 (2): 216-221.
- Chico, L. E. e Vazquez, O. N. (2000) Relacion entre la Escala Busqueda de sensaciones de Zuckerman y el Inventario de Busqueda de Sensaciones de Arnett. *Analisis y Modificacion de Conduta* [On-line], 25 (104): 865-883.
- Chirivella, E. C. & Martinez, L. M. (1994) The sensation of risk and motivational tendencies in sports: na empirical study. *Personality and Individual Differences*, 16(5): 77-786.
- Cronin, C. (1991) Sensation Seeking among mountain climbers. *Personality and Individual Differences*, 12 (6): 653-654.
- Donohew, L.; Zimmerman, R.; Cupp, P. S.; Novak, S.; Colon, S.; Abel, R. (2000) Sensation seeking,, impulsive decision making, and risky sex: Implications for risk-taking and design of interventions. *Personality and Individual Differences* [On-line] , vol 28(6): 1079-1091.
- Duda, J. L.. (1993).Goals: a social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In SINGER, R. N.; MURPHEY, M. & TENNANT, L. K. (Eds) Handbook of research on sport psychology. New York: Macmillan Publishing Company

- Dweck, C. (1986) Motivational process affecting learning. American Psychologist, 41, 1040-1048.
- Elliot, A. (1999). Approach and avoidance motivation and achievement goals. Manuscript submitted for publication.
- Epphanio, E. (1999) Psicologia do Esporte: apropriando a desapropriação. Psicologia, Ciência e Profissão, 19 (3), 70-73.
- Eysenck, H. J. & Eysenck, S. B. G. (1964) *Crime and Personality*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Eysenck H. J. & Eysenck, S. B. G. (1978) *Psychoticism as a dimension of personality*. London: Hodder & Stoughton.
- Eysenck, H. J.; Nias, D. K. & Cox, D. N. (1982) Sport and personality. *Advances in Behavior Research and Therapy*, 4, 1-56.
- Fisher, A. C. (1984) New directions in sport personality research. In J. M. Silva & R. S. Weinberg (eds) *Psychological foundations of sport* (pp.70-80. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Gilchrist, H. ; Povey, R.; Dickinson, A. & Povey, R. (1995) The sensation seeking scale: its use in a study of the characteristics of people choosing "adventure holidays". *Personality and Individual Differences*, 19 (4): 513-516.
- Gill, D. L. (1986) Psychological dynamics of sport. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Greene, K.; Krumar, M.; Walters, L.H.; Rubin, D. L.; Hale, J.L (2000) Targeting adolescent risk taking behaviors: the contribution of egocentrism and sensation seeking. *Journal of Adolescence*. [On-line] vol 23(4): 439-461.
- Goma, M. (1991). Personality profile of subjects engaged in high physical risk sports. *Personality and Individual Differences*, 12, 1087-1093.
- Haynes, C. A.; Miles, J. N & Clements, K. (2000) A confirmatory factor analysis of two models of sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 29 (5): 823-839.

- Iannos, M. and Tiggemann, M. (1997) Personality of the excessive exercise. *Personality and Individual Differences*, 22 (5): 775-778.
- Izard, C. E. (1991). The Psychology of Emotions. New York: Plenum Press.
- Jack, S. J. & Ronan, K. R. (1998) Sensation seeking among high- and low-risk sports participants. *Personality and Individual Differences*, 25 (6): 1063-1083.
- Jackson, C. & Wilson, G. D. (1993) Mad, bad or sad? The personality of bikers. *Personality and Individual Differences*. [On-line], 14 (1): 241-242.
- Jackson, J. S. H. & Maraun, M. (1996) The conceptual validity of empirical scale construction: the case of the sensation seeking scale. *Personality and Individual Differences*, 21 (1) pp.103-110.
- Jackson, J. S. H. & Maraun, M. (1996) Whereof one cannot speak, thereof one must remain silent. *Personality and Individual Differences*, 21 (1) pp. 115-118.
- James, W. (1890) The Principles of Psychology [Vol.1]. New York: Holt.
- Jagacinski, C. M. & Nicholls, J. G. (1990). Reducing effort to protect perceived ability: "They'd do it but I wouldn't". Journal of Educational Psychology, 82, 15-21.
- Kerr, J. H. (1991) Arousal seeking in risk sport participants. *Personality and Individual Differences*, 12 (6): 613-616.
- Kerr, J. H. & Vlaminkx, J. (1997) Gender differences in the experience of risk. *Personality and Individual Differences*, 22 (2) pp. 293-295.
- Kenski, R. (2000). Além do limite. *Reportagem da Revista Superinteressante*, Ano14, no. 12 (dezembro). Editora Abril.
- Kostman, A. (2000) Na crista da onda. *Veja São Paulo*, 5 de abril.
- Kusyzyn, I. Stein, P., & Elliot B. (1974) *Arousal seeking, physical risk taking and personality*. Paper presented at the 18th International Congress of Applied Psychology [On-line].
- Landers, D. M. (1994). Performance, stress and health: Overall reaction. *Quest*, 46, 123-135.
- Lerner, B. S. & Locke, E. A. (1995) The effects of goal setting, self-efficacy,

- competition and personal traits on the performance of an endurance task. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 17: 138-152.
- Lye, C. C. & Geliga, J. V. (2000) Ethnic identity, sexual sensation seeking and HIV risk taking among multiethnic men who have sex with men. *AIDS Education and Prevention* [On-line]. Vol. 12(4): 326-339.
- Machado, A. (1997) A Psicologia do Esporte: sua história. IN: A. Machado (org) *Psicologia do Esporte*. Jundiaí: Ápice.
- Maehr, M. (1984) Meaning and Motivation. In: : C. Ames & R. Ames (Eds.) Research on motivation in education., Vol, 3 pp.115-144. New York: Academic Press.
- McCutcheon, L. (1980) Running and sensation seeking. *North Va Community College Journal*, [On-line] Fall Issue,11.
- McDonald, D.G. & Hodgdon, J. A. (1991). Psychological effects of aerobic fitness training. New York: Springer- Verlag.
- Mendes, A.; Zachi, E.C.; Zanoló, E.; Rocha, M. C.; Althausen, S.; Bosco, A.; Otta, E. (1998) Diferenças de gênero e busca de sensação. *Congresso Interno do Instituto de Psicologia da USP*, 4. Resumos. São Paulo: IP/USP.
- Murray, H. (1938) Explorations in Personality. N.Y.: Oxford University Press.
- Nicholls, J. G. (1984). Achievement Motivation: conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. Psychological Review, 91, 328-346.
- Nicholls, J. G. (1989). The competitive ethos and democratic education. Cambridge, Ma: Harvard University Press.
- Neary, R. S. (1975) *The development and validation of a state measure of sensation seeking*. Doctoral dissertation[On-line]. University of Delaware.
- Omar, A. e Delgado, H. (1998) Dimensiones de personalidad y búsqueda de sensaciones. *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 3 (2), pp.257-268.

- Potgieter, J. & Bisschoff, F. (1990) Sensation Seeking among medium- and low-risk sports participants. *Perceptual and Motor Skills* [On-line] 71 (3): 1203-1206.
- Pierson, A.; le Houesec, J.; Fossaert, A.; Dubal, S. & Jouvent, R. (1999) Frontal reactivity and sensation seeking na ERP study in skydivers. *Progress in Neuro Psychopharmacology and biological psychiatry* [On-line] 23 (3): 447-463.
- Riello, I. C. (1999). *Temperamento: perfil de adolescentes com diferentes competências em natação*. Dissertação de Doutorado do Instituto de Psicologia e Fonaudiologia da PUC-Campinas.
- Roysamb, E. (1997). Risk Behaviour: towards a model of affectively construed action. *Personality and Individual Differences*, 22 (1), pg. 33-46.
- Rubio, K. (1999) A psicologia do esporte: histórico e área de atuação e pesquisa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 19 (3), 70-73.
- Salvador, A. (1995). Desporte y salud: efectos de la actividad desportiva sobre el bienestar psicológico y mecanismos hormonales subjacentes. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 48 (1).
- Slanger, E. & Rudestam, K. E. (1997) Motivation and disinhibition in high risk sports: Sensation seeking and self-efficacy. *Journal of research in personality*, [On-line] 31(3): 355-374.
- Sage, G. (1977) Introduction to motor behavior neuropsychological approach (2nd ed.). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Samulsky, D. (1990) . Introdução a psicologia do Esporte. Apostila. Escola de Educação Física (ufmg), Belo Horizonte.
- Samulsky, D. (1992). Psicologia do Esporte. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG.
- Shoham, A.; Rose, G. M. & Kahle, L. R. (1998) Marketing of risky sports: from intention to action. *Journal of the academy of marketing science*. [On-line] 26 (40: 307-321).

- Schrader, M. P. & Wann, D. L. (1999) High-risk recreation: the relationship between participant characteristics and degree of involvement. *Journal of sport behavior* [On-line] 22 (3): 426-441.
- Schroth, M. L. & McCormack, W. A. (2000) Sensation seeking and need for achievement among study abroad students. *Journal of Social Psychology* [On-line]vol 140 (4): 533-535.
- Schuett, M. A. (1993) Refining measures of adventure recreation involvement. *Leisure Sciences*. [On-line] 15 (3): 205-216.
- Wagner, A. M. & Houlihan, D. D. (1994) Notes and shorter communications: Sensation seeking and trait anxiety in hang-glider pilots and golfers. *Personality and Individual Differences*, 16 (6): 975-977.
- Wiggins, J. S. (1988) *Personality and prediction: principles of personality assessment*. Florida: Addison-Wesley Publishing Company.
- Weinberg, R. S. & Gould, D. (1999) *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign: Human Kinetics.
- Wrisberg, C. (1993). Levels of Performance Skill. In Singer, R.; Murphey M.; Tennant, K. (Eds.) *Handbook of Research on Sport Psychology*. ISSP: Macmillan.
- Zuckerman, M. (1979) Sensation Seeking and risk taking. In. C. E. Izard (Ed) *Emotions in personality and psychopathology*. New York: Plenum.
- Zuckerman, M. (1983). Sensation Seeking and Sports. *Personality and Individual Differences*, 4 (3) 285-292.
- Zuckerman, M. (1984) Experience and desire: A new format for sensation seeking scales. *Journal of Behavioral Assessment* [On -line], 6, 101-114.
- Zuckerman, M. (1994) *Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (1996a) " Conceptual Clarification" or confusion in "the study of sensation seeking" by J. S. H. Jackson and M. Maraun. *Personality and Individual Differences*, 21 (1) pp. 111-114.

Zuckerman, M. (1996b) Item revisions in the sensation seeking scale Form V (SSS-V). *Personality and Individual Differences*, 20, 515.

Zarevski, P.; Marusic, I; Zolotic, S. ; Bunjevac, T. & Vukosav, Z. (1998) Contribution of Arnett's inventory of sensation seeking and Zuckerman's sensation seeking scale to the differentiation of athletes engaged in high and low risk sports. *Personality and Individual Differences*, 25(4): 763-768.

ANEXO

VERSÃO FINAL DO INSTRUMENTO UTILIZADO

ESCALA DE INTERESSES

Instruções

Primeiro responda os dados de identificação nesta folha. Depois passe para os itens.

Cada um dos itens a seguir contém duas alternativas A e B. Por favor, indique qual das opções mais descreve sua preferência ou a maneira como você sente. Em alguns casos você pode encontrar itens nos quais as duas opções descrevem sua preferência (seu gosto) ou sentimentos. Por favor, escolha aquela que melhor descreve seu gosto ou sentimento. Em alguns casos você pode encontrar itens nos quais você não gosta (não prefere) nenhuma das opções. Neste caso marque a escolha que você considera "menos ruim". Não deixe nenhum item em branco. É importante que você responda todos os itens com somente uma alternativa, A ou B. Nós estamos interessados somente em sua preferência ou sentimentos, não em como é esperado que alguém sinta. Não existem respostas certas ou erradas como em outros tipos de testes. Seja franco e dê sua honesta avaliação de você mesmo.

Nome:

Idade:

Sexo: () Masculino () Feminino

Modalidade Esportiva que pratica:

Tempo que pratica esta modalidade:

Você acha que corre algum risco praticando esta modalidade esportiva? Qual?

	a) Eu gosto de festas descontraídas.
1.	b) Eu prefiro festas calmas com boa conversa (ou onde eu possa conversar).
	a) Existem filmes que eu gosto de ver pela segunda ou até terceira vez.
2.	b) Eu não consigo ficar assistindo aos filmes que eu já tenha assistido antes.
	a) Frequentemente eu penso que poderia ser alpinista.
3.	b) Eu não consigo entender pessoas que arriscam o pescoço escalando montanhas.
	a) Eu não gosto de nenhum dos odores do corpo.
4.	b) Eu gosto de alguns cheiros sensuais do corpo.
	a) Eu fico aborrecido vendo as mesmas caras de sempre.
5.	b) Eu gosto da confortável familiaridade dos amigos de todo dia.
	a) Eu gosto de explorar sozinho uma cidade ou um bairro estranho, mesmo que isso signifique ficar perdido.
6.	b) Eu prefiro um guia quando estou em um lugar que eu não conheço bem.
	a) Eu não gosto de pessoas que fazem ou dizem coisas justamente para chocar ou perturbar outras pessoas.
7.	b) Quando você pode prever quase tudo que uma pessoa dirá e fará, ele ou ela pode ser um chato.
	a) Eu normalmente não gosto de um filme ou jogo quando eu posso prever o que vai acontecer.
8.	b) Eu não me importo em assistir um filme ou jogo onde eu posso prever o que acontecerá.
	a) Eu já experimentei ou gostaria de experimentar maconha.
9.	b) Eu nunca fumaria maconha.
	a) Eu não gostaria de experimentar nenhuma droga que pudesse produzir estranhos ou perigosos efeitos sobre mim.
10.	b) Eu gostaria de experimentar alguma droga que produzisse alucinações.
	a) Uma pessoa sensível evita atividades que são perigosas.
11.	b) Algumas vezes eu gosto de fazer coisas que são um pouco assustadoras.
	a) Eu não gosto de pessoas que são desinibidas e livres com relação a sexo.
12.	b) Eu gosto da companhia de pessoas que são desinibidas e livres com relação a sexo.
	a) Eu acho que estimulantes não me deixam bem.
13.	b) Frequentemente eu gosto de estar alto (com bebidas ou fumando maconha).
	a) Eu gosto de experimentar novas comidas que eu nunca tenha provado antes.
14.	b) Eu escolho comidas com as quais eu estou familiarizado para evitar desapontamento ou desprazer.
15.	a) Eu gosto de ver filmes, vídeos ou slides de viagens caseiras.

	b) Assistir filmes, vídeos ou slides caseiros me aborrece tremendamente.
16.	a) Eu gostaria de praticar esqui – aquático. b) Eu não gostaria de praticar esqui - aquático.
17.	a) Eu gostaria de surfar. b) Eu não gostaria de surfar.
18.	a) Eu gostaria de fazer uma viagem sem rota ou itinerário definido. b) Quando eu vou fazer uma viagem, gosto de planejar minha rota e itinerário cuidadosamente.
19.	a) Eu prefiro pessoas "pé no chão" como amigos. b) Eu gostaria de fazer amigos de alguns grupos "diferentes" como artistas ou punks.
20.	a) Eu não gostaria de aprender a pilotar um avião. b) Eu gostaria de aprender a pilotar um avião.
21.	a) Eu prefiro a superfície da água a profundidade. b) Eu gostaria de praticar mergulho.
22.	a) Eu gostaria de encontrar algumas pessoas que são homossexuais (homem ou mulher). b) Eu gostaria de ficar longe de alguém que eu suspeitasse ser gay ou lésbica.
23.	a) Eu gostaria de experimentar saltar de pára-quedas. b) Eu nunca gostaria de experimentar saltar de um avião, com ou sem pára-quedas.
24.	a) Eu prefiro amigos que são excitantes e imprevisíveis. b) Eu prefiro amigos que são confiáveis e previsíveis.
25.	a) Eu não sou interessado pela experiência só pela experiência. b) Eu gostaria de ter novas e excitantes experiências e sensações mesmo que elas fossem pouco convencionais, assustadoras ou ilegais.
26.	a) A essência da boa arte está na clareza, na simetria das formas, e harmonia das cores. b) Eu freqüentemente encontro beleza no choque de cores e formas irregulares da pintura moderna.
27.	a) Eu gosto de ficar em casa. b) Eu fico muito agitado se tenho que ficar em casa por um tempo muito prolongado.
28.	a) Eu gostaria de saltar de um trampolim. b) Eu não gosto da sensação de estar em um trampolim (ou, não vou nem perto de um trampolim).
29.	a) Eu gosto de encontrar pessoas que são fisicamente excitantes. b) Eu gosto de encontrar pessoas que compartilham meus valores.

30.	a) Beber demais geralmente acaba com uma festa, porque algumas pessoas tornam-se exaltadas e barulhentas.
	b) Manter os copos cheios é o segredo de uma boa festa.
31.	a) O pior pecado social é ser rude.
	b) O pior pecado social é ser chato.
32.	a) Uma pessoa deveria ter uma considerável experiência sexual antes do casamento.
	b) É melhor que duas pessoas que vão se casar iniciem suas experiências sexuais uma com a outra.
33.	a) Mesmo que eu tivesse dinheiro, eu não me associaria a pessoas ricas da "alta sociedade".
	b) Eu poderia aceitar a idéia de procurar prazer no mundo da "alta sociedade".
34.	a) Eu gosto de pessoas que são perspicazes e espirituosas, até mesmo se elas algumas vezes insultam outras pessoas.
	b) Eu não gosto de pessoas que se divertem machucando os sentimentos dos outros.
35.	a) De modo geral, há muitas cenas de sexo nos filmes.
	b) Eu gosto de assistir muitas cenas sexys nos filmes.
36.	a) Sinto-me melhor depois de tomar alguns drinks (alguma bebida alcoólica).
	b) Alguma coisa está errada com pessoas que precisam de bebida alcoólica para se sentirem bem.
37.	a) As pessoas devem se vestir de acordo com alguns padrões de gosto, combinação e estilo.
	b) As pessoas devem se vestir de forma individual mesmo que seja extravagante.
38.	a) Velejar longas distâncias em pequenos barcos é amedrontador.
	b) Eu gostaria de velejar longas distâncias num barco pequeno, mas que fosse adequado para o mar.
39.	a) Eu não tenho paciência com pessoas enfadonhas ou mal humoradas.
	b) Eu encontro algo interessante em quase toda pessoa com que eu converso.
40.	a) Descer esquiando uma montanha alta é uma boa forma de acabar usando muletas.
	b) Eu acho que gostaria da sensação de descer esquiando muito rápido uma montanha alta.